



Periódico Formativo

do Núcleo de Apoio e
Desenvolvimento Docente



Nadd.edu

Publicação on-line bimestral
Nº 11 - Ano 3 / Ago. 2026

unifevdocente

Nadd - Núcleo de Apoio e
Desenvolvimento Docente



Higher Education (2023) 85:819–835
<https://doi.org/10.1007/s10734-022-00867-z>

“It’s where learning and teaching begins — is this relationship” — insights on the teacher-student relationship at university from the teachers’ perspective

Gerda Hagenauer¹  · Franziska Muehlbacher¹  · Mishela Ivanova¹ 

Accepted: 27 April 2022 / Published online: 20 May 2022
© The Author(s) 2022

“IT’S WHERE LEARNING AND TEACHING BEGINS — IS THIS RELATIONSHIP” — INSIGHTS ON THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP AT UNIVERSITY FROM THE TEACHERS’ PERSPECTIVE

Dr. Anderson Bençal Indalécio

O artigo investiga como professores universitários compreendem a construção de relações positivas com estudantes do primeiro ano. A pesquisa, de abordagem qualitativa, envolveu 15 docentes experientes de duas universidades públicas australianas, entrevistados por meio de roteiros semiestruturados. Os resultados demonstram que a relação professor–aluno constitui uma dimensão central dos processos de ensino e aprendizagem no Ensino Superior.

Segundo os autores, essa relação apresenta duas dimensões interligadas: a profissional e a interpessoal. A dimensão profissional envolve apoio acadêmico, orientação, disponibilidade, justiça e compromisso com a aprendizagem. A dimensão interpessoal compreende características como respeito, confiança, cuidado, empatia, autenticidade e acessibilidade do professor. Uma relação de qualidade não significa amizade ou eliminação da autoridade docente, mas a construção de proximidade equilibrada, preservando os limites éticos e profissionais.

A literatura analisada indica que relações positivas podem favorecer a motivação, o engajamento, o desempenho, o bem-estar e a permanência dos estudantes, especialmente durante a transição para a universidade. Entretanto, sua construção pode ser dificultada pelo tamanho das turmas, falta de tempo, cultura institucional e reduzidas oportunidades de interação. Os autores concluem que o relacionamento professor–aluno não deve ser considerado um elemento secundário, mas um fundamento da qualidade do ensino universitário, recomendando que as instituições valorizem o desenvolvimento das competências relacionais dos docentes.

Referência

HAGENAUER, Gerda; MUEHLBACHER, Franziska; IVANOVA, Mishela. “It’s where learning and teaching begins – is this relationship”: insights on the teacher-student relationship at university from the teachers’ perspective. **Higher Education**, Dordrecht, v. 85, n. 4, p. 819–835, abr. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10734-022-00867-z>. Acesso em: 27 ago. 2026.

TECITURAS DO CONHECIMENTO: POR UM BREVE DIÁLOGO ENTRE O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Dra. Janaina Andréa Cucato

Tratativas sobre tema ensino, pesquisa e extensão têm sido cada vez mais recorrente nos debates sobre educação superior e esta discussão não se esgota e ainda ganha destaque porque essas três dimensões constituem a base da universidade e desempenham um papel fundamental na formação de profissionais, na produção de conhecimento e na promoção do desenvolvimento social. A tríade forma um conjunto integrado que fortalece a missão universitária e amplia seu impacto na sociedade e vai muito além de ser instituída apenas como um marco legal.

O ensino, responsável pela formação acadêmica e profissional dos estudantes, proporciona o acesso ao conhecimento científico, técnico e cultural acumulado ao longo da história. É por meio dele que os alunos desenvolvem competências, habilidades e valores necessários para atuar de forma crítica e responsável em diferentes contextos sociais. O sociólogo Florestan Fernandes destaca a ideia de que o cientista precisa tomar consciência da utilidade social e do destino prático reservado a suas descobertas e para ele, o essencial está no que se pretende construir (Fernandes, 1989), levando à compreensão de que a construção deve envolver também a sociedade. Esta é a função social da profissão, em especial da docência, que precisamos enaltecer.

A pesquisa, por sua vez, possibilita a construção de novos conhecimentos e a busca por soluções para os desafios contemporâneos. Ao investigar problemas e produzir evidências científicas, a universidade contribui para o avanço da ciência, da tecnologia e da inovação onde a participação em atividades de pesquisa estimula a curiosidade, o pensamento crítico e a autonomia intelectual dos estudantes.

No que tange a extensão universitária, esta estabelece uma ponte entre a universidade e a comunidade, por meio de projetos, programas e ações voltadas para diferentes públicos, onde o conhecimento produzido no ambiente acadêmico é compartilhado e aplicado na realidade social.

O alinhamento desses três eixos possibilita que o ensino seja enriquecido pelas descobertas da pesquisa e pelas experiências da extensão sendo que essa interação promove benefícios mútuos, permitindo que a universidade compreenda melhor as demandas da sociedade enquanto contribui para a transformação social e para construção e o fortalecimento do conhecimento.

Referência

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FERNANDES, Florestan. **O Desafio Educacional.** São Paulo: Cortez, 1989.

IA E O NOVO JEITO DE ESTUDAR NO ENSINO SUPERIOR

Me. Fernando Datorre e Larissa Gabriela de Oliveira Greco

Para muitos estudantes do ensino superior, “pesquisar” e “perguntar à IA” tornaram-se quase sinônimos: cola-se o enunciado, recebe-se a resposta pronta, entrega-se o trabalho — prática que se repete em avaliações e pesquisas e levanta dúvidas entre professores sobre seu uso acadêmico.

Pesquisas recentes sobre avaliação educacional, porém, localizam a raiz do problema em outro lugar. Para Lopes *et al.* (2026), a IA generativa não criou a fragilidade dos modelos avaliativos centrados no produto final — apenas expôs uma crise já em curso. A saída não está em proibir a ferramenta, mas em repensar seu uso.

É esse limite entre ajudar e decidir por quem estuda que o modo estudo do ChatGPT, lançado em 2025, já operacionaliza. Desenhado em conjunto com professores, cientistas e profissionais da pedagogia, e pensado especificamente para estudantes universitários, o recurso substitui a resposta direta por perguntas, dicas e prompts de autorreflexão, adaptando a explicação ao nível de cada aluno (OPENAI, 2025).

Esse cuidado no desenho é sinal de que o mercado já identifica a fragilidade do copiar e colar e busca alternativas a partir de evidência, não apenas de demanda. A IA generativa já está disseminada; a pergunta não é mais se será usada, mas como. Ensinar o estudante a usá-la bem — como apoio ao raciocínio, não substituto dele — é parte da formação profissional. Ao professor, conhecer essas ferramentas com antecedência torna-se, cada vez mais, condição para orientar esse uso em sala de aula.

Referência

LOPES, Leilane de Vasconcelos Santos *et al.* A crise da avaliação tradicional na era da IA generativa: desafios e possibilidades para o letramento crítico. **Revista Tópicos**, [S. l.], 27 abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.70773/revistatopicos/777243189>. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/a-crise-da-avaliacao-tradicional-na-era-da-ia-generativa-desafios-e-possibilidades-para-o-letramento-critico>. Acesso em: 26 ago. 2026.

OPENAI. **Apresentamos o modo Estudo**. [S. l.], 29 jul. 2025. Disponível em: <https://openai.com/pt-BR/index/chatgpt-study-mode/>. Acesso em: 26 ago. 2026.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de; MASCIA, Márcia Aparecida Amador; CARRASQUEIRA, Karina. Ética e integridade acadêmica: desafios e possibilidades do uso de Inteligência Artificial no processo de editoração científica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 20, e25513, p. 1-13, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.20.25513.083>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092025000100708. Acesso em: 26 ago. 2026.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O NOVO DESAFIO DA GOVERNANÇA ACADÊMICA

Ma. Iza Valéria da Silva Pires

A Inteligência Artificial (IA) deixou de ser uma tendência futura para se tornar uma realidade presente nas instituições de ensino superior. Ferramentas capazes de produzir textos, imagens, análises e soluções complexas já fazem parte do cotidiano acadêmico, levando o MEC e o Conselho Nacional de Educação (CNE) a debaterem diretrizes para seu uso ético, seguro e pedagogicamente responsável. As discussões recentes enfatizam princípios como transparência, supervisão humana, proteção de dados e responsabilidade institucional.

Nesse contexto, surge um novo desafio para as Instituições de Educação Superior: a governança acadêmica da IA. Mais do que incorporar tecnologias, será necessário estabelecer políticas claras para sua utilização em atividades de ensino, pesquisa, extensão e avaliação. Conforme previsto na Agenda Regulatória 2026 da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior (Seres), o MEC tem reforçado a busca por maior transparência, previsibilidade e qualidade regulatória, contexto que tende a influenciar também as futuras normativas relacionadas ao uso da Inteligência Artificial na educação superior (Brasil, 2026).

Os desafios éticos são particularmente relevantes. Entre eles, destacam-se o risco de produção de informações incorretas ou sem validação científica, a utilização de conteúdos gerados sem o devido reconhecimento de autoria, a dependência excessiva da tecnologia em detrimento do desenvolvimento do pensamento crítico e a reprodução de vieses presentes nos dados utilizados para treinamento dos sistemas. Além disso, a utilização de dados acadêmicos por plataformas digitais exige atenção rigorosa à privacidade, à segurança da informação e à conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

Essas questões impactam diretamente os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs), os processos conduzidos pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), as práticas avaliativas e a formação continuada dos docentes. O professor permanece como protagonista do processo educacional, responsável por orientar, contextualizar e avaliar criticamente os resultados produzidos pelas ferramentas de IA. As discussões conduzidas pelo CNE reforçam que a tecnologia deve apoiar, e não substituir o julgamento pedagógico humano.

O futuro da educação superior não será determinado pela simples adoção da Inteligência Artificial, mas pela capacidade das instituições de governá-la com ética, responsabilidade e compromisso com a formação humana. Nesse novo cenário regulatório, inovar é importante; porém, garantir que a inovação esteja alinhada aos valores educacionais será o verdadeiro diferencial das instituições de excelência.

Referência

BRASIL. Ministério da Educação. **Agenda Regulatória 2026**. Brasília, DF: MEC, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/politica-regulacao-supervisao-educacao-superior/agenda-regulatoria-2026>. Acesso em: 26 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Legislação da Política de Regulação e Supervisão da Educação Superior**. Brasília, DF: MEC, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/politica-regulacao-supervisao-educacao-superior/legislacao>. Acesso em: 26 ago. 2026..

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E GLOBAIS NA GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR

Dr. Lauro Lodo Prado

A gestão do ensino superior enfrenta desafios globais e estruturais impulsionados por transformações econômicas, tecnológicas e políticas. No eixo político-social, o dilema central consiste em harmonizar a expansão do acesso à garantia de qualidade acadêmica. As políticas de democratização e ações afirmativas demandam estratégias consolidadas de permanência e inclusão para combater as desigualdades sociais e educacionais.

Na dimensão econômica e financeira, as instituições enfrentam entraves na sustentabilidade, causados por restrições orçamentárias e lógicas de mercado. Tais cenários limitam expansões e pressionam os gestores a buscar eficiência em um ambiente cada vez mais competitivo.

Sob a perspectiva organizacional e pedagógica, contrapõem-se modelos gerencialistas — orientados por produtividade, métricas e competitividade — e modelos democráticos, focados na governança colegiada e participativa. Soma-se a isso a precarização do trabalho docente e a necessidade constante de qualificação profissional em ambientes didáticos em mudança.

No âmbito cultural e tecnológico, as instituições de ensino superior reconfiguram-se diante da perda de hegemonia na produção do saber e da aceleração digital. A integração de plataformas virtuais, a automação de processos e a internacionalização exigem projetos pedagógicos consistentes que reafirmem a relevância social, científica e a inovação institucional.

Superar tais desafios exige articular governança autônoma, inovação e financiamento sustentável, reafirmando o ensino superior como bem amplo e genérico e, de direito social, indispensável à emancipação humana, à produção de conhecimento crítico e ao desenvolvimento social, ético e científico em escala global.

Referência

AGUIAR, Maria da Conceição Carrilho de. Um olhar sobre desafios da gestão didático- pedagógica no Ensino Superior. **PRO.POSIÇÕES**. V. 27, N. 3 (81) | set/dez. 2016.

CAPELATO, Rodrigo. Três desafios à gestão do ensino no século 21. **Harvard Business Review Brasil**, 2014. Disponível em: <http://hbrbr.uol.com.br/tres-desafios-a-gestao-do-ensino-no-seculo-21/>. Acesso em: 21 ago. 2026.

CASARTELLI, Alam de Oliveira; RODRIGUES, Alziro César de M.; BITTENCOURT, Hélio Radke; GARIBOTTI, Vicente. Inteligência estratégica em instituições de ensino superior. **Perspect. ciênc. inf.** [online]. 2010, vol.15, n.2, p. 183-197.

DOURADO, Luiz F. A escolha dos dirigentes escolares: políticas e gestão da educação no Brasil. In: FERREIRA, Naura S. Carapeto (Org.). **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCK, Heloísa. **Gestão educacional**: uma questão paradigmática. Editora Vozes Limitada, 2017.

NÓVOA, António. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2017.

PAULA, Maria das Graças Rodrigues de; SOUZA, Paulo Batista; TONSIG, Wladimir Lenin. Gestão do ensino superior privado: um desafio. **Averso do Averso**, Araçatuba, v. 2, p. 75 - 89, jun. 2004. Disponível em: http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v2_artigo05_gestao.pdf. Acesso em: 22 ago. 2026.

ROSADO, Ana Vasconcelos Moreira. Tendências do ensino superior no Brasil. **IV Jornada Internacional de Políticas Públicas**. 2011. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/11_educacao/tendencias-do-ensino-superior-no-brasil.pdf. Acesso em: 21 ago. 2026.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Alberto Carvalho da. Alguns problemas do nosso ensino superior. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 269-293, Aug. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-0142001000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2026.

.

AVALIAÇÃO PROGRAMÁTICA: UMA ETAPA URGENTE, PARA A MODERNIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM SAÚDE

Dr. Wagner Moneda Telini

A educação superior para as profissões de saúde está evoluindo, sob as prerrogativas das novas diretrizes curriculares nacionais, e as necessidades de saúde emergentes que moldam o novo perfil dos egressos, de todos os cursos da saúde no país. Com currículos que valorizam as competências profissionais gerais e estruturam a instrução de competências técnicas, ao longo da graduação, em módulos progressivos de atenção integral à saúde, repletos de cenários práticos de treinamento, em campo de assistência e cuidado, fica difícil avaliar e certificar a aquisição de competências e a validade do processo de ensino e aprendizagem, com instrumentos somativos pontuais, focados, exclusivamente, na mensuração de conteúdo teórico acumulado pelos estudantes, sem, necessariamente, avaliar a sua capacidade de aplicação. Definitivamente, as avaliações regulares conteudistas bimestrais estão próximas de seu fim. Trilhas de avaliação têm se mostrado cada vez mais relevantes, tais como as avaliações integradas e os testes de desempenho seriado, ou testes de progresso.

Em contribuição recente, professor Troncon (2023), experiente educador médico, discute como um teste de progresso anual nacional pode ser inserido de forma longitudinal dentro do sistema de avaliação de estudantes de medicina. Em vez de ser usado como um exame somativo rígido, testes de progresso atuam de forma continuada, fornecendo dados longitudinais para que o próprio estudante monitore a aquisição cumulativa de conhecimento. Estes dados também são válidos para a composição do portfólio avaliativo de cada estudante.

Outro fato a ser considerado. As matrizes curriculares estruturadas em módulos progressivos de aprendizagem por competências trazem instrumentos formativos de avaliação, reproduzíveis, extremamente úteis à orientação do processo de ensino centrado na aprendizagem do estudante. Estes dados são oportunos à avaliação do estudante, como dados objetivos que fortalecem, por exemplo, instrumentos como a nota de conceito global (Mota, 2020). E o fortalecimento do processo avaliativo de estudantes das profissões da saúde está indo além. Dados de testes de desempenho seriado, resultados de avaliações formativas de desempenho, e outras estratégias seriadas de avaliação oferecem, de forma combinada, alicerce à avaliação contínua do estudante, reconhecida, por muitos especialistas em educação para as profissões de saúde, como a melhor forma de acompanhamento holístico e longitudinal do estudante, integrando dados quantitativos e qualitativos ao longo de todo o curso.

Esta avaliação programática do estudante já é reconhecida, por docentes e discentes, de forma positiva, como modelo efetivo e construtivo de avaliação, justo e oportuno à aprendizagem

reflexiva. Os estudantes destacaram a riqueza de oportunidades de feedback construtivo recebido durante a prática clínica, enquanto os professores valorizaram a capacidade do sistema em identificar precocemente aqueles acadêmicos com mais dificuldades. O método de avaliação programática requer, entretanto, atenção para desafios de implementação, que exige alto investimento de tempo e recursos para a qualificação e a educação permanente docente, enfrentando riscos como o percurso burocrático e superficial das etapas formativas (preencher instrumentos e formulários, apenas, para “cumprir tabela”) e a variabilidade na qualidade das devolutivas (Troncon, 2018).

Referência

MOTA, Lucas Reis Alves *et al.* “Nota de Conceito Global” na avaliação da performance do interno de medicina: uma oportunidade desperdiçada. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, DF, v. 44, n. 2, e051, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.2-20190199>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/c8LbbSdqXW4t7YwyyGmsSjL/>. Acesso em: 27 ago. 2026.

TRONCON, Luiz Ernesto de Almeida *et al.* Reflexões sobre a utilização do Teste de Progresso na avaliação programática do estudante. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, DF, v. 47, n. 2, e076, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v47.2-2022-0334>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/zLcJ4QLHMfzYCQBmKMrSbcz/>. Acesso em: 27 ago. 2026.

TRONCON, Luiz Ernesto de Almeida. Efetividade da avaliação programática do estudante de medicina: estudo de caso baseado nas impressões de estudantes e professores de uma escola médica britânica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, DF, v. 42, n. 3, p. 153-161, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-52712018v42n3RB20170103>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/TBnq-5cJDB749DDjTYxFLCP/>. Acesso em: 27 ago. 2026.

CHUVA DE CRIATIVIDADE: O BRAINSTORMING NA CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE SOLUÇÕES

Me. Walter Francisco Sampaio Neto

O brainstorming (ou tempestade de ideias) é uma estratégia ativa focada na geração criativa de propostas para a resolução de problemas. Criada na publicidade por Alex Osborn, a técnica explora as experiências dos estudantes, colocando-os no centro do processo educativo. O objetivo é fomentar a colaboração e a construção coletiva, substituindo a mera transmissão pela elaboração ativa do saber.

A dinâmica ocorre em duas fases: divergência e convergência. Inicialmente, o docente apresenta um problema e estimula a produção máxima de ideias, focando na quantidade. Nesta etapa, é proibido rejeitar ou julgar as contribuições, garantindo um espaço livre de bloqueios onde propostas inicialmente incabíveis podem inspirar boas soluções conjuntas. Em seguida, na fase de convergência, as ideias — preferencialmente registradas de forma visual — são filtradas e hierarquizadas coletivamente, priorizando a qualidade para selecionar a melhor alternativa.

Para o êxito da atividade, o professor atua como mediador, assegurando o respeito às regras: falar um de cada vez, focar no tema e garantir igualdade na participação. Deve-se cultivar um ambiente estimulante, que diminua inibições e promova o respeito à diversidade. A conclusão exige um fechamento adequado, no qual o professor conduz reflexões e devolutivas sobre o percurso do grupo. Conclui-se, assim, que o método consolida a autonomia, o respeito aos pares e a criatividade na construção de projetos educacionais.

Referência

GARCIA, Marilene Santana dos Santos; BRITO, Glaucia da Silva; MORAIS, Felippie Anthonio Fedruk de. Sprint, Brainstorming e Design Thinking revisitados como estratégias metodológicas para desencadear projetos criativos e colaborativos em sala de aula. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 44, e54464, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v44i1.54464>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/54464>. Acesso em: 19 ago. 2026.

KLAFKE, Guilherme Forma; FEFERBAUM, Marina. **Metodologias ativas em direito**: guia prático para o ensino jurídico participativo e inovador. São Paulo: Atlas, 2020. ISBN 978-85-97-02524-8.

OLIVEIRA, Helen Tatiana de; VICCHIATTI, Carlos Alberto. Brainstorm: tempestade de ideias na alfabetização. **Ensaio sobre Metodologias Ativas**, v. 6, n. 1, p. 18-21, 2020. ISSN: 1983-1730. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/view/436>. Acesso em: 19 ago. 2026.